

Medo da terceira via

Embora o mercado financeiro dê como certa uma disputa final entre o PT e o PSDB nas eleições presidenciais do ano que vem, o clima é de preocupação. Com a crise política se arrastando para pelo menos até abril de 2006 e com o partido tucano também engolfado pelas denúncias de corrupção, há um temor de que uma terceira via acabe despontando com chances reais de vitória. E, pior, com propostas nada condizentes com o ajuste fiscal e o controle da inflação que soam como música aos ouvidos dos investidores. Nesse cenário considerado perturbador, os analistas listam três fantasmas: Anthony Garotinho (PMDB), José Alencar (PMR) e Itamar Franco (PMDB). São os chamados imprevisíveis.

“Infelizmente, em política tudo pode acontecer. Mas, por enquanto, trabalhamos com um cenário sem grandes turbulências, com a disputa polarizada entre o PT e o PSDB”, diz o economista

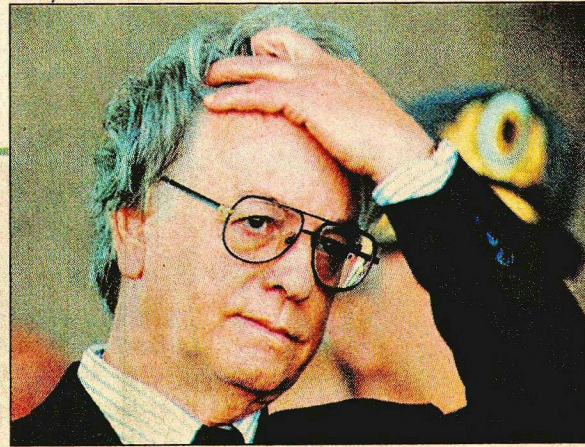
Wanderlei Pozzembom/CB/23.4.03



J.F.Diorio/Ag. Estado/11.10.05



Luis Tajes/CB/7.9.94



A POSSIBILIDADE DE ANTHONY GAROTINHO, JOSÉ ALENCAR E ITAMAR FRANCO SE CANDIDATAREM AO PLANALTO ASSUSTA OS INVESTIDORES: TURBULÊNCIA À VISTA

Nuno Câmara, do banco alemão Dresdner Kleinwort Wasserstein. Ele reconhece, porém, que vários candidatos que hoje parecem sem chances de chegar ao Palácio do Planalto em 2006 podem ganhar espaço, com um discurso populista, inflamado pela crise política. “A retórica poderá fazer o diferencial. Mas o eleitor tende a priorizar os ganhos da estabilidade econômica e do crescimento sustentado”, acredita.

Para Câmara, mesmo com todo o desgaste provocado pela crise política, com o PT em fran-

galhos e com a oposição ganhando espaço, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva ainda é apontado como o candidato com maior chances de vitória no ano que vem. Ele diz ainda que, apesar de o prefeito de São Paulo, José Serra, ser o político do PSDB com maiores chances de vencer Lula, como mostram as pesquisas de intenção de voto, para o mercado financeiro, melhor seria que o candidato tucano fosse o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin. “Serra tem um perfil muito intervencionista,

que não é muito bem visto pelos investidores”, acrescenta.

Juros altos

Segundo Newton Rosa, economista-chefe da Sulamérica Investimentos, a maior indagação dos investidores, sobretudo os estrangeiros, é quanto aos rumos da política econômica a partir de 2006. “Temos ressaltado que os riscos de mudanças são pequenos”, diz. Na avaliação de Elson Teles, economista-chefe da Corretora Concórdia, as eleições vão atrasar o processo de queda das

taxas de juros. A tendência, afirma ele, é de o Comitê de Política Monetária do Banco Central segurar um pouco as taxas até que as eleições estejam definidas. Só depois disso, o Copom teria tranquilidade para cortar a taxa Selic mais agressivamente. “Os juros também embutem o custo das eleições”, afirma.

A mesma avaliação é feita pelo economista Carlos Thadeu de Freitas Gomes, ex-diretor da Dívida Pública do BC. Os juros altos, para ele, serão uma importante arma do Tesouro Nacional

para manter a atratividade dos títulos públicos. “Com juros reais acima de 10% no ano que vem, quem se arriscará a especular contra o real?”, indaga. Para Adauto Lima, economista-chefe do Banco WestLB, o que mais deixa o mercado apreensivo é a falta de perspectivas de aprovação de medidas que poderiam acelerar o crescimento econômico, como a reforma tributária. “O Brasil pode perder uma ótima oportunidade para pavimentar o caminho do desenvolvimento de longo prazo”, assinala. (VN)